

O País em protesto (DN de 2011NOV13) - EDITORIAL

Entre uma semana de greves nos transportes e a greve geral de dia 24, Lisboa assistiu ontem a duas manifestações quase em simultâneo - de funcionários públicos e militares. Compreende-se a origem dos protestos por se tratar dos dois sectores mais atingidos pelas medidas de austeridade decididas pelo Governo e pelos cortes no Orçamento para o próximo ano, mas os dois protestos encerram vários outros sinais para reflectir.

Em primeiro lugar, o protesto militar. O facto de se tratar da primeira grande manifestação de militares no nosso país (dez mil, segundo a organização), quando em democracia apenas tínhamos assistido há dois anos a um tímido desfile, tem obviamente um significado. Além da maturidade democrática que quiseram demonstrar após quase 40 anos do golpe militar de 74, e da aproximação ao que se passa no resto da Europa em que manifestações e sindicatos militares são comuns, ficam dados também dois sinais: a de que estão a passar pelo mesmo tipo de situação que a maioria dos portugueses, não são uns privilegiados, e se tudo acontecer dentro da legalidade, estarão do lado de quem protesta e não disponíveis para reprimir protestos. E fica ainda a demarcação de Otelo e das palavras mais radicais sobre possibilidade de golpes.

Quanto à função pública, o sector que vai ficar sem dois subsídios nos próximos anos e que mais poder de compra tem perdido nos últimos anos, o número de manifestantes é deveras significativo. Os 180 mil protestantes (mesmo descontando serem números da organização) antecipam uma paralisação global de todos os trabalhadores do País sem paralelo.

O direito ao protesto, além de constitucional, é neste momento mais do que compreensivo. E o poder terá de estar preparado e pronto a lidar com a indignação e a desilusão da grande maioria dos portugueses e continuar, como ontem voltou a fazer Passos Coelho, a mostrar solidariedade e, perante a inevitabilidade dos actuais e possíveis novos cortes, explicar ao pormenor todas as medidas e a falta de alternativas. E, quanto antes, revelar os outros grandes cortes - nas gorduras do Estado, e do lado do capital -, que ainda não passaram de intenções.